

TRÊS

No elevador, enquanto desce os andares, Xavier já se sente melhor. Está empolgado. Percebe o potencial do caso. Sabe o quanto ele poderia aparecer. “Vou ser procurado por todos os jornalistas e, principalmente, todas as repórteres. Vou ficar famoso. Meu rosto vai ser reconhecido. As pessoas vão me parar nas ruas. Se duvidar, até vou dar autógrafos. Vou poder me candidatar. Vou ser vereador. Vou largar esse trabalho, que não me paga porra nenhuma. Tomo tiro todo dia... Para quê? Não sei, ninguém sabe, ninguém se importa. Posso morrer a qualquer hora, mas ninguém valoriza isso, ninguém vê isso. Ninguém sabe há quantos anos estou na polícia. Dezessete, dezessete anos. Uma vida. Já vi gente mais nova que isso com fuzil na mão. Já troquei tiro com bandido assim. Esses caras não têm medo de morrer. Atiram que nem malucos. Pensam que se morrer matando, melhor. Eu sou o alvo. E ninguém valoriza isso. O meu salário é uma vergonha. Se não tivesse meus esquemas, como iria me sustentar? Como? Ninguém sabe explicar, ninguém se importa. To sozinho, não posso contar com ninguém. Nem com a Flor. Nem com a Flor. Porra. Ela só sabe encher, só quer aporrinhar, só reclama. Ninguém liga para mim. Mas agora, agora não. Agora, com esse caso, esse moleque, Otávio de não-sei-o-quê do caralho, agora sim. Agora vai. Agora as pessoas vão saber quem é Carlos Xavier, o detetive Carlos Xavier, investigador, policial responsável pelo caso do moleque rico que se matou com um tiro na testa e que o apartamento pegou fogo. Ou que morreu, sei lá. Agora, todo mundo vai valorizar o meu trabalho. Os caras lá da DP vão comer na minha mão. A Flor vai me ver na televisão e vai parar de reclamar. Tenho certeza. Agora, ela vai dizer que eu sou importante, que estou no caso de um figurão. Agora, todo mundo vai ver.”

Quando Xavier sai do prédio, o bando de jornalistas começa a correr se acotovelando para pegar o melhor lugar próximo a ele. Fazem isso com todas as pessoas que saem do prédio, à procura de informação sobre quem havia morrido. Xavier para diante do bando e pigarreia:

- Fala alto – ordena um jornalista de atrás do grupo.

– O de vermelho, dá para abaixar um pouco? – pede um cinegrafista.

- Tão gravando?